

PROPOSTA METODOLÓGICA DE ESTUDO DE CONTOS SOB A PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

CERVO, Jaqueline Maria (P.G./PDE –Unioeste)
ALVES, Lourdes Kaminski (Orientadora)

RESUMO: Esta proposta metodológica sobre estudo de contos foi desenvolvida para ser trabalhada com alunos do primeiro ano do Ensino Médio. A mesma buscou fundamentos nas teorias da Estética da Recepção, cujo principal representante é Hans Robert Jauss, e sua aplicação seguiu as orientações do Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993). A proposta foi pensada, considerando a realidade de afastamento dos alunos da leitura do texto literário, tendo como objetivo que os alunos passem a fazer a avaliação estética de obras literárias por meio da comparação de horizontes de expectativas – deles e das obras – colocados em interação no momento da leitura. Segundo Jauss, nesse processo de interação, o horizonte de expectativas dos leitores poderá permanecer estável ou expandir-se, conforme as características conformadoras ou emancipatórias dos textos lidos. E as mesmas serão consideradas de valor para eles se, em termos temáticos ou formais, produzirem alteração ou expansão nos seus horizontes de expectativas. Ao término desse processo de estudos sobre os contos, espera-se que os alunos internalizem essas percepções e sintam-se aptos a eleger, daí por diante, as leituras que farão parte do seu processo de desenvolvimento social, intelectual, cultural, lingüístico e literário. Espera-se, também, que estendam esses novos saberes às pessoas que fazem parte de suas vidas, numa rede de crescimento.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção, leitura no Ensino Médio, contos.

RIASSUNTO: Questa proposta di studio sui racconti é stata sviluppata per essere lavorata con gli alunni del primo anno dell "Ensino Médio". La medesima ha cercato fondamento nella "Estética da Recepção", che ha come principale rappresentante Hans Robert Jauss e la sua applicazione ha seguito l'orientazione del "Método Recepcional", di Bordini e Aguiar (1993). La proposta é stata pensata considerando la realtà di separazione degli alunni dalla lettura dei testi letterari, avendo come obiettivo che loro facciano la critica estetica delle opere letterarie per mezzo del confronto degli orizzonti di aspettative — proprie e delle opere — messi in interazione nel momento della lettura. Secondo Jauss, in questo processo, l'orizzonte di aspettative dei lettori potrà rimanere stabile o espandersi, conforme le caratteristiche conformative o emancipatorie dei testi letti. E, i medesimi saranno considerati validi per loro se, nel tema o nella forma, produrranno alterazioni o espansioni nei suoi orizzonti culturali. Nella conclusione di questo studio sui racconti, aspetta si che gli alunni facciano proprie queste percezioni e sappiano eleggere le letture che faranno parte del loro processo di svolgimento sociale, intellettuale, culturale, linguistico e letterario. Aspettasi, anche, che stendono questi nuovi saperi alle persone che fanno parte della loro vita, cercando una via di crescita.

PAROLE-CHIAVE: "Estética da Recepção", leitura nel "Ensino Médio", racconti.

INTRODUÇÃO

O Método Recepcional, traduzido no Brasil por Bordini e Aguiar, (1993), foi escolhido para embasar essa atividade de leitura que contempla o texto literário, pois pode proporcionar a transformação do horizonte cultural do aluno e, automaticamente, de todos os que fazem parte de seu círculo social, numa evolução que pode se perpetuar. Pois ao término de uma unidade temática, outras poderão ser trabalhadas, numa seqüência que aumentará cada vez mais o horizonte cultural do mesmo.

A escolha dos contos para essa unidade de trabalho pautou-se no tema da “degradação do humano”. Para isso, foram realizadas leituras de vários contistas brasileiros, optando-se por Dalton Trevisan. Isso porque em seus contos as cenas de degradação humana se repetem incansavelmente, como um alerta ao descaso social sofrido por grande parte da população nos espaços urbanos. Além do tema, a escrita do autor nos chama atenção pela forma enxuta, concisa, límpida, direta e precisa - às vezes, simples, às vezes, complexa – de narrar. O fato de ser escritor contemporâneo, conhecido do aluno, e de escrever sobre lugares e fatos próximos ao mesmo foi o terceiro motivo da presença de sua obra nesse trabalho. Pois pesquisas na área da educação defendem que os métodos que buscam resgatar o educando para a leitura do texto literário devem partir do estudo de autores modernos ou contemporâneos, devido à “familiaridade” que lhe inspiram (BORDINI E AGUIAR, 1993, p. 188).

A escolha do primeiro ano do Ensino Médio para o desenvolvimento desse método de estudos de contos também não foi aleatória, visto ser nesta série que se processa o primeiro contato do aluno com os estudos literários de forma mais abrangente. Também porque o primeiro ano do Ensino Médio pode ser considerado uma porta de chegada ao desenvolvimento do Método Recepcional, pelas características que tal método encerra.

A opção pelo gênero contos deve-se ao fato de sua brevidade, sem perder, contudo, a densidade do conteúdo exposto, devendo, o professor, aos poucos, ir inserindo gêneros de narrativas mais longas.

CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Segundo Eagleton (1989), três foram as fases de desenvolvimento da moderna teoria literária. A primeira fase, marcada por modelos românticos, enfatiza os estudos biográficos do autor e considera a obra literária uma genialidade. A segunda fase, do início do século XX, caracteriza-se pela excessiva preocupação com o texto. A terceira fase é formada por tendências de estudos literários que privilegiam o leitor e que tiveram início em meados do século XX. Cada um dos elementos envolvidos na leitura marcou uma dessas fases: o autor, o texto e o leitor. A Estética da Recepção faz parte da terceira fase.

As mudanças teóricas, geralmente, baseiam-se em modelos filosóficos que trazem novas maneiras de ver o mundo. A Estética da Recepção baseia-se na Fenomenologia (método filosófico desenvolvido pelo alemão Edmund Husserl - 1859-1938). O método fenomenológico enfoca a maneira pela qual os objetos e a realidade são percebidos pela consciência. As realidades são vistas como “puros fenômenos”, isto é, a partir do modo como elas se apresentam em nossa mente.

Nesse sentido, no campo da literatura, um texto só seria um “puro fenômeno” se fosse apreendido por um leitor, ou seja, ele não seria uma realidade se não fosse percebido por uma consciência.

Assim, se um fenômeno é afetado pela percepção subjetiva daquele que o apreende por meio da consciência, o ato de ler significa, sobretudo, (re)criar o texto.

As teorias literárias que se orientam pelo aspecto recepcional valorizam a figura do leitor e o ato da leitura como sendo muito importantes para a caracterização do fato literário.

Hans Robert Jauss é considerado o mais importante representante das teorias que se orientam para o aspecto recepcional, sendo que a expressão Estética da Recepção surgiu baseada em suas idéias.

Mas, além de Jauss, outros autores focaram seus estudos no aspecto recepcional, de modo que foram divisadas três linhas de abordagem das Teorias da Recepção.

- 1- As idéias de Jauss (1978-1994) são conhecidas como Estética da Recepção. Para ele, o caráter artístico de um texto é dado pelo efeito que o mesmo causa em seus leitores. Cabe à história literária articular tanto a recepção

atual de um texto (aspecto sincrônico) quanto sua recepção ao longo da história (aspecto diacrônico) e, cabe também a ela, articular a relação da literatura com o processo de construção da experiência de vida do leitor.

- 2- A vertente Read-Response Criticism, idealizada por Stanley Fish (1980), Jonathan Culler e Wolfgang Iser (1995), pauta-se “nos efeitos que os textos desencadeiam em seu leitor”. Negam a idéia de o texto possuir um sentido antes de ser lido.
- 3- Para os idealizadores da Sociologia da Leitura, Robert Scarpit (1969), Roger Chartier (1996;1999) e Pierre Bordieu, o estudo da literatura deve ser feito tendo como base os elementos que o sustentam: o leitor, o livro e a leitura. Para Scarpit, o idealizador da teoria, a leitura deve ser feita por evasão, por isso exclui de suas pesquisas o aspecto estético. Valoriza, também, todos os aspectos que envolvem o livro. Chartier volta-se aos estudos da história do livro e da leitura, da apropriação que os leitores fizeram da leitura e da materialidade do texto como aspecto influenciador da leitura.

Segundo Jauss, o êxito mundial do estruturalismo lingüístico e o triunfo da antropologia estrutural indicavam o abandono dos paradigmas da compreensão histórica. Isso pedia uma nova teoria literária que fizesse a “compreensão ainda não esgotada da historicidade característica da arte e diferenciadora de sua compreensão” (JAUSS, apud COSTA LIMA, 1979, p. 47). Uma teoria que superasse os impasses da história positivista, da interpretação (que servia a si mesma) e da literatura comparada (que exercia a comparação como um fim em si). Uma “teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e resposta” (JAUSS, apud COSTA LIMA, 1979, p. 48).

Dos autores nos quais baseou sua pesquisa, os quais defendem a função comunicativa da experiência estética, e que lançaram suas obras ao longo do século XX, destaca como de grande valia para a concretização de seu trabalho Hans-Georg Gadamer (*Verdade e método*, 1960) e Theodor Wiesengrund Adorno (*Teoria estética*, 1970).

A partir da escola de Constança, 1967, data da aula inaugural de Jauss sobre a Estética da Recepção, a mesma teve um êxito inesperado, despertando interesse de

pesquisas. Um grupo de pesquisadores de Constança tornou os estudos de Jauss sobre a estética acessíveis ao ocidente.

Por isso que, apesar da relação evidente entre leitura e literatura, o campo dos estudos literários só passou a tematizar a leitura de forma sistemática a partir da década de 1960. Houve um redimensionamento das noções de autor, de texto e de leitor.

A partir de então, o autor não é mais considerado o dono do sentido do texto, pois não pode controlar o(s) sentido(s) que o leitor dá à sua escrita. O texto, por sua vez, deixou de ser mera organização lingüística que transmite pensamentos, informações ou idéias de quem o produziu, isso ocorre pela ênfase dada à relação da linguagem com a sociedade: a linguagem, segundo a lingüística contemporânea, é incapaz de traduzir, na totalidade, as intenções do falante. E o leitor passou a ser considerado elemento fundamental na prática da leitura. A interpretação que dará ao texto estará vinculada à sua experiência de vida e à sua experiência como leitor.

Dessa forma, nas várias vertentes da Estética da Recepção, o leitor e suas experiências de leitura servirão como base para se repensar o fenômeno literário e a história da literatura.

Jauss critica as histórias da literatura que, apesar das tentativas de fugir ao encadeamento cronológico de autores e obras, sempre acabam limitando o aspecto histórico à cronologia.

Segundo ele, a qualidade de uma obra literária não pode ser medida pelas condições históricas ou biográficas de sua criação ou pelo lugar que ocupa no desenvolvimento de um gênero, mas sim pelos critérios de recepção da mesma e de sua fama na posteridade.

Suas críticas atingem também duas importantes orientações dos estudos literários, o Formalismo (teoria formalista) e o Marxismo (teoria sociológica), pois nenhuma delas conseguiu resolver o dilema entre história e estética.

Pela sociologia da literatura, em sua concepção marxista de arte, a importância de uma obra literária era medida pela representação que a mesma fazia da realidade e do processo social. Uma história da literatura selecionaria as obras que melhor tivessem representado as estruturas sociais e as lutas de classe. Mas, como ficaria a literatura moderna que buscou romper com o procedimento mimético?

Na teoria formalista, “o caráter estético dos textos reside nos procedimentos desautomatizados que o texto pode trazer em oposição aos procedimentos já

automatizados” (ZAPPONE, apud PHONAS e ZOLIN, 2005, p. 157). Historicamente, a “evolução” literária acontece na oscilação entre o convencionalismo e a afirmação de novos modelos.

Segundo Jauss, no entanto, é nos leitores que se encontram as bases para a verificação do valor estético de um texto, assim como o nexos que liga as obras numa sucessão histórica. O significado histórico e o valor estético dos textos estariam demonstrados pela sucessão de recepções que os mesmos teriam.

Bordini e Aguiar (1993) apontam sete teses relacionadas à Estética da Recepção:

1ª Tese – Para Jauss, a historicidade da literatura acontece “no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores”. O texto literário não pode ser considerado um fato histórico, pois este existe por si só e aquele precisa ser lido, precisa do leitor para existir.

2ª Tese – Segundo Jauss, na leitura de uma obra juntam-se os “sistemas histórico-literários de referência” (conhecimentos prévios) trazidos pelo leitor e os invocados pela obra para a formulação do sentido do texto. Nesse sentido, o horizonte de expectativa pode ser reconstruído ou demarcado de forma objetiva.

3ª Tese – Jauss propõe a “noção de distância estética”, uma forma de medir o caráter artístico de um texto. Essa noção é entendida por ele como o afastamento ou não-coincidência entre o horizonte de expectativa preexistente do público e o horizonte de expectativa suscitado por uma nova obra. Se for pequena a distância estética entre o horizonte de expectativa do público e o da obra, Jauss nominará a arte de “culinária” ou “ligeira” (ex.: best-sellers, romances femininos de banca de jornal). Se, ao contrário, aumentar a distância estética entre os horizontes de expectativa do público e da obra, o valor estético da obra será maior e a obra será um “novo sistema literário de referência” (ex.: textos de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, entre outros).

A valorização do caráter estético de um texto é efetuada por quem o recebe, ou seja, o leitor. O horizonte de expectativa trazido pela nova obra transforma o horizonte de expectativa do leitor. Esse novo horizonte passa a ser o novo sistema histórico-literário referencial para as novas leituras.

4ª Tese – Para Jauss, reconstruir o horizonte de expectativa a partir do qual uma obra foi criada e recebida é fundamental na busca do seu sentido. Essa reconstrução é que permitirá o conhecimento da “história do efeito”, conceito

emprestado de Georg Gadamer, *Verdade e método*, (1960), pela qual o sentido que o leitor dará ao texto está atrelado ao processo histórico que o mesmo (o leitor) traz na consciência. Na busca do sentido do texto, Jauss aplica a “lógica da pergunta e da resposta” (outro princípio de Gadamer): o texto seria a resposta a perguntas feitas pelo público. Segundo Jauss, é necessário reconstruir o horizonte de expectativas da obra e do público e o processo de comunicação estabelecido entre eles para que se descubra a pergunta para a qual determinado texto pode ser a resposta.

5ª Tese – Em seu projeto de história literária diacrônica, Jauss afirma que o lugar que uma obra ocupa na série literária deve ser determinado pela “história das recepções” dessa obra. Ou seja, às vezes, a distância estética entre o horizonte de expectativa da obra e do público é muito grande e, por isso, seu valor não é percebido no momento de sua recepção inicial, sendo necessário um longo processo de recepção para que a obra venha a ser compreendida. Assim, na teoria recepcional, “a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 81).

6ª Tese – Segundo Jauss, é nos pontos de interseção entre diacronia e sincronia que a historicidade da literatura se revela. A história da literatura deve relacionar a recepção primeira de um texto às recepções subseqüentes para que se possa perceber que o mesmo sofre recepções específicas em certos momentos históricos.

7ª Tese – Além de a história literária observar os aspectos diacrônico e sincrônico da recepção do texto, ela deve também registrar os efeitos que a literatura causa na vida dos seus receptores. Segundo Jauss, a literatura deve ser pensada a partir de seus efeitos estéticos, mas também a partir dos efeitos éticos, sociais e psicológicos que pode causar nos leitores, antecipando possibilidades não concretizadas, expandindo o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura.

Segundo Bordini e Aguiar (1993), o fato de Jauss propor um novo caráter tanto estético quanto historiográfico da literatura, o leva, também, a formular um novo

conceito do que é a literatura. E essa definição se dá tendo em vista critérios estabelecidos pelos leitores no seu “experienciar dinâmico da obra literária”.

O modo de ver a literatura através da recepção do público, proposta por Jauss, esbarra no problema da caracterização do leitor, pois nem todos os leitores dominam as estruturas do campo literário. “Ele precisa conhecer o gênero, para perceber as inovações do texto individual, as formas e temas de obras famosas anteriores, para captar as diferenças de tratamento e a oposição entre uso poético ou prático da linguagem, para entender sua repercussão sobre as representações do mundo que eles induzem.” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 84).

No entanto, segundo as autoras, a Estética da Recepção tem seu valor no sentido de ampliar o espaço para que a literatura seja repensada como categoria histórica e social e, portanto, em contínua transformação.

MÉTODO RECEPCIONAL

A base teórica da estética da recepção defende a idéia do relativismo histórico e cultural, pois acredita que tanto os objetos quanto a obra literária sofrem mutações no processo histórico.

O historicismo positivista entende a obra literária como conseqüência do fato social, enquanto que para a teoria recepcional, “a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p.81).

O sistema literário, fechado e definitivo como simples objeto escrito, no contato com o leitor abre-se para um mundo histórico extratexto.

Para os pesquisadores da Escola de Constança, a recepção é concebida “como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento de sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria de estética da recepção” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 82).

A noção de concretização surgiu na década de 1930, através dos estudos do polonês Roman Ingarden e, na década de 1940, pelos estudos do tcheco Félix Vodicka.

Para Ingarden, a concretização ocorre no ato da produção e no ato da leitura, através do preenchimento e atualização, pelo escritor ou pelo leitor, “de pontos de

indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais” contidos na obra. E o trabalho artístico do criador transforma-se em objeto estético do leitor.

Para Vodicka “a obra é um signo estético dirigido ao leitor, o que exige a reconstituição histórica da sensibilidade do público para entender-se como ela se concretiza.” (VODICKA, apud BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 82). A concretização, aqui, é tomada como a avaliação atribuída pelo leitor à obra a partir da norma estética vigente.

Alguns teóricos, atualmente, se referem à concretização como o fato do preenchimento criativo, pelos leitores, das lacunas de sentidos trazidas pelo texto. O leitor dialoga com o texto.

No ato da leitura, encontram-se os quadros de referências ou horizontes históricos do leitor e do texto, às vezes defasados ou diferentes, que precisam fundir-se para que haja a comunicação.

Hans Robert Jauss chama os quadros de referências de horizontes de expectativas, os quais englobam todas as convenções estético-ideológicas que possibilitam o ato da criação e da leitura de um texto.

Segundo Regina Zilberman, as ordens de convenção constitutivas do horizonte de expectativas de um autor/leitor são: a social, a intelectual, a ideológica, a lingüística e a literária. E soma a estas o fator de ordem afetiva.

No momento da leitura, ocorre obrigatoriamente a fusão entre horizontes de expectativas. “O texto se torna o campo onde os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 83). A relação entre a expectativa do leitor e a obra em si será tomada como parâmetro para a avaliação estética da obra. E a mesma será considerada de valor para o leitor se em termos temáticos e formais produzir alteração no seu horizonte de expectativas, opondo-se às convenções conhecidas e aceitas pelo mesmo. E será perene se, em sucessivas épocas, continuar contribuindo para o alargamento do horizonte de expectativas de seus leitores.

Ao iniciar-se a leitura, a historicidade do leitor e do texto vem à tona. O diálogo entre eles dependerá do grau de identificação ou distanciamento entre suas convenções sociais e culturais e da consciência que delas possuem.

Para efetuar a leitura de uma obra que se distancia de seu horizonte de expectativas, o leitor deve assumir uma postura de disponibilidade, permitindo à mesma que lhe veicule novas convenções.

Para facilitar a aceitação da leitura da obra emancipatória, o leitor deve conhecer o gênero da mesma, a oposição entre uso poético ou prático da linguagem e também formas e temas de obras anteriores a ela.

O processo de recepção se completa quando o leitor elege ou não uma obra como componente de seu horizonte de expectativas. Quanto maior o número de leituras efetuadas, maior a propensão para a modificação do horizonte de expectativas.

A “obra difícil” deve ser enfatizada nas atividades de leitura que se fundamentam nas teorias da estética da recepção, pois “nela reside o poder de transformação de esquemas ideológicos passíveis de crítica.” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 85).

OBJETIVOS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Na pedagogia da literatura, o método recepcional funda-se na atitude participativa do aluno em contato com diferentes textos.

A partir do horizonte de expectativas do grupo de alunos, o professor deve provocar situações que levem ao questionamento desse horizonte. Isso pode provocar o afastamento do aluno, uma vez que o mesmo vê seu modo de pensar sendo criticado.

Após essa ruptura no horizonte de expectativas do aluno, o professor deve ofertar-lhe diferentes leituras que se opõem às feitas anteriormente por ele, problematizando-o, levando-o a refletir e instaurando a mudança, num processo contínuo.

A transformação que se processará no aluno atingirá a todo o seu grupo de convívio, inclusive a escola e a comunidade, visto ser ele um ser social.

Para que se tenha certeza quanto ao sucesso do método recepcional, ao término do mesmo o aluno deverá, segundo as autoras:

Efetuar leituras compreensivas e críticas. Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem. Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural. Transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 86).

Esse método de ensino de literatura “ênfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço” (BORDINI e AGUIAR,

1993, p. 86). O aluno debaterá freqüentemente suas idéias consigo mesmo, com o professor, com os colegas, com a comunidade. Os textos escritos por ele também servirão como material de leitura e debate. A avaliação deve abranger a dinâmica do processo e cada leitura do aluno. O mesmo deve evidenciar capacidade de comparação, de questionamento sobre sua atuação e a do grupo, de leitura mais exigente que a inicial em termos estéticos e ideológicos.

ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO

O processo receptivo de leitura implica a participação ativa e criativa do leitor, sem afetar a autonomia textual. Quanto maior a distância entre os horizontes de expectativas do texto e do leitor, mais o texto servirá para trazer o novo a esse leitor.

Para que haja o crescimento do aluno em termos da expansão de seu horizonte de expectativas, em primeiro lugar ele deve se disponibilizar a aceitar o contato com novas leituras. Para isso, é importante que compreenda determinados conceitos, como:

Receptividade, disponibilidade de aceitação do novo, do diferente, do inusitado; *concretização*, atualização das potencialidades do texto em termos de vivência imaginativa; *ruptura*, ação ocasionada pelo distanciamento crítico de seu próprio horizonte cultural, diante das propostas novas que a obra suscita; *questionamento*, revisão de usos, necessidades, interesses, idéias, comportamentos; *assimilação*, percepção e adoção de novos sentidos integrados ao universo vivencial do indivíduo (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 88).

O planejamento de uma unidade de ensino pautada do método recepcional deverá prever, num primeiro plano, os conceitos acima.

Após, o professor efetuará a determinação do horizonte de expectativas da classe, para que busque estratégias de ruptura e transformação do mesmo. Ele conterà os valores prezados pelos alunos, como: crenças, modismos, estilos de vida, preferências, preconceitos, interesses da área de leitura. Para determiná-lo, o professor poderá usar técnicas variadas, como observação dos comportamentos, reações a leituras realizadas, expressão dos próprios alunos em debates, respostas a entrevistas, entre outros.

Após detectada a familiaridade dos alunos quanto à literatura, o professor efetuará o atendimento do horizonte de expectativas da turma. Isso ocorrerá em dois

sentidos, quanto ao objeto (o que os alunos lerão) e quanto às estratégias de ensino, que devem ser conhecidas dos alunos.

Quanto à escolha do material literário, deve ser ofertado ao aluno temas procurados por eles. Por exemplo, se a classe aprecia espetáculos de humor pela TV, o livro deve conter ou histórias humorísticas ou recursos de construção que causem riso, e assim por diante.

Quanto às atividades, deve-se optar por técnicas que satisfaçam os alunos, como trabalhos em grupo posteriormente apresentados ao grande grupo, debates, brinquedos de roda, jogos competitivos, entre outros.

A etapa seguinte é a de ruptura do horizonte de expectativas através da oferta de textos e atividades de leitura que “abalem as certezas e costumes dos alunos”. Os textos ofertados aqui devem se assemelhar aos anteriores somente em um aspecto: o tema, o tratamento, a estrutura ou a linguagem. Mas os demais recursos compositivos devem ser bem diferentes.

Um exemplo: se na etapa anterior privilegiou-se o humor de cartum jornalístico, recriados após pelos alunos, o novo texto utilizará o humor, mas em crônicas e sobre outro tema. Quanto aos temas, pode-se ampliar ou reduzir-lhes a abrangência ou mantê-los e mudar o tratamento. Um assunto do cotidiano pode ganhar alcance social sem perder seu humor. O mesmo tema pode ser visto a sério e depois comicamente e assim por diante.

O importante é que os textos dessa etapa sejam mais difíceis para o aluno, na abrangência do conteúdo ou na forma de composição.

As estratégias de trabalho devem ser diferentes das anteriores e o aluno deve ser chamado a participar da escolha das mesmas. A proposta deve representar sempre um desafio por novos caminhos.

A próxima etapa será o questionamento do horizonte de expectativas. A classe faz uma análise do material estudado, e decide quais textos, pelos seus temas e construções, exigiram um nível mais alto de reflexão e um maior grau de satisfação perante a descoberta de seus possíveis sentidos.

A classe deve debater também sobre o seu comportamento perante os textos lidos, detectando: quais foram os desafios enfrentados, como superaram os obstáculos textuais, quais aspectos ainda oferecem dificuldades, quais as preferências quanto à temática ou outros aspectos literários, se houve transposição

para a vida real de situações narrativas ou líricas, que conhecimentos escolares ou vivenciais pessoais facilitaram o entendimento dos textos.

A técnica para esse debate pode ser uma das formas de discussão participativa (pequeno ou grande grupo) aliada a um dos modos de registro de constatação (fichário, diário pessoal ou coletivo).

A última etapa diz respeito às reflexões sobre as relações entre leitura e vida, é a ampliação do horizonte de expectativas. Ao término do trabalho, os alunos tomam consciência das alterações e aquisições que obtiveram através da leitura da obra literária. Observam que suas exigências são maiores, assim como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido.

Conscientes de suas possibilidades buscam novos textos com temas e composição mais complexos que atendam suas expectativas agora ampliadas. O final de uma etapa é o início de outra, numa evolução em espiral.

RELATO DO TRABALHO COM O MÉTODO RECEPCIONAL

A atividade aqui descrita foi desenvolvida em uma turma de alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Cascavel, no Estado do Paraná.

No primeiro contato com os alunos, foi-lhes explicado em que consiste e qual o objetivo da *Proposta metodológica de estudo de contos sob a perspectiva da Estética da Recepção*. Nessa fala, entre outras coisas, deixou-se claro aos alunos o conceito de horizonte de expectativa.

Também foram apresentados os conceitos de *receptividade, concretização, ruptura, questionamento e assimilação*, processos que eles deveriam compreender para chegar ao objetivo do trabalho, de expansão dos seus horizontes de expectativas.

No projetor multimídia, apresentou-se à turma um quadrinho da Mafalda (17 de setembro de 2007, tirinha nº. 386) e pediu-se para os alunos que fizessem a leitura e a interpretação da mesma, para que percebessem qual a sua temática. Os alunos chegaram à conclusão que a temática da tirinha centrava-se na distorção que os direitos humanos sofreram e sofrem na sociedade.

Para dar continuidade ao processo de estudo, que constaria de debates sobre algumas questões relacionadas ao tema da tirinha, perguntou-se aos alunos se concordavam que fosse utilizado o jogo *Roleta*. Como alguns não sabiam ou não lembravam do mesmo, foi-lhes explicado o seu desenvolvimento. *Os participantes do grupo sentam-se em círculos, colocam uma garrafa deitada no centro do mesmo, formando uma roleta, onde a garrafa é o ponteiro e eles são o alvo. O jogo inicia quando o coordenador do grupo gira a garrafa. O aluno para quem a boca da garrafa aponta, ao parar de rodar, é o primeiro a responder ao solicitado. Após responder, o mesmo gira novamente a garrafa, que apontará, assim, o seu sucessor.* Os alunos concordaram em utilizar a técnica.

Solicitou-se, então, aos mesmos que se dividissem em grupos de cinco e que escolhessem em cada grupo um coordenador. Distribuiu-se para cada grupo uma folha de papel em branco, uma caneta e uma garrafa plástica vazia. No projetor multimídia, foram apresentadas aos alunos as perguntas que norteariam o debate feito pelos grupos: 1) O que são direitos humanos? Cite alguns exemplos. 2) Quem os outorga aos cidadãos? Por meio de quem? 3) Deveres também devem fazer parte da vida de um cidadão? Justifique. 4) O que acontece a um cidadão quando lhes são negados seus direitos básicos? 5) Cite algumas situações sociais presenciadas por você, nas quais, a seu ver, foram tolhidos os direitos das pessoas como cidadãos. 6) Na 1ª parte da tirinha, os personagens “brincam” com o sentido das palavras. Explique por que tal “brincadeira” é possível. Foi solicitado aos coordenadores que escrevessem as respostas e as enumerassem, conforme o número das perguntas que lhes deram origem.

Ao término do debate e do registro das respostas pelos grupos, solicitou-se aos alunos que se colocassem num grande círculo. Cada coordenador leu as respostas referentes a cada pergunta, de maneira organizada. Alguns alunos teceram comentários sobre as mesmas, espontaneamente. Os alunos perceberam que a negação dos direitos humanos ao cidadão causa sua degradação, ou seja, a perda da sua dignidade.

Foi pedido aos alunos que pesquisassem e trouxessem por escrito, para a próxima aula, os conceitos das palavras degradação, ética e moral.

No segundo encontro com os alunos, foi distribuído aos mesmos o conto “Uma negrinha acenando”, do escritor Dalton Trevisan.

O texto foi lido aos mesmos pelo professor. Na seqüência, um aluno pediu se poderia ler o texto mais uma vez, a fim de que o mesmo ficasse bem entendido pelos mesmos (lembrou que havia aprendido que deveriam ser feitas ao menos duas leituras para que se captasse bem o sentido de um texto).

Ao término da leitura do aluno, pediu-se que três alunos fossem ao quadro e escrevessem os conceitos solicitados na aula anterior, sobre degradação, ética e moral. Para isso, deveriam separar o quadro em quatro partes, cada um usar uma delas e deixarem uma sem escrita. Após breve tumulto entre eles, decidiram quais alunos fariam a tarefa e a mesma se delineou. Os conceitos foram lidos pelos alunos que os haviam escrito e comentados exaustivamente.

Na seqüência, foram escritas no quadro, pela professora, as seguintes questões, após a solicitação aos alunos que as copiassem em seus cadernos: 1) No ato da leitura, o sentido que damos ao texto depende do conhecimento de mundo que trazemos conosco. Assim, ao lermos um texto, inferimos, deduzimos sentidos, nas entrelinhas do mesmo. Retire as partes do texto nas quais pode-se inferir ou deduzir, as seguintes idéias: a) presença da vaidade humana b) pobreza extrema da personagem c) sociedade machista d) alerta à exploração de menores e) crítica às instituições públicas f) não consciência quanto aos direitos humanos g) impotência frente aos problemas sociais; 2) A degradação humana está presente no quadro social estampado por Dalton, nesse conto. De que forma ela se apresenta? 3) Que relação pode ser presumida entre os valores éticos e morais e o quadro social trazido pelo autor nesse conto?

Foi pedido aos alunos que relessem o conto e respondessem às questões – individualmente ou em duplas. Ao término do tempo estipulado, iniciou-se um debate sobre as respostas das questões. Os alunos esclareceram dúvidas e fizeram as anotações necessárias.

No terceiro momento do estudo de contos com o trabalho do Método Recepcional, foi apresentado aos alunos o conto “O menino do Natal”, também de Dalton Trevisan.

À primeira leitura do mesmo, feita pela professora, alguns alunos queixaram-se de não ter entendido algumas partes. Foi-lhes explicado que sendo a escrita de Dalton uma escrita contemporânea, alguns contos deveriam ser lidos com mais atenção e feito deles um estudo mais aprofundado.

Para dar início ao estudo do conto, os alunos foram conduzidos a recordarem quais eram os elementos que faziam parte de uma narrativa. A professora fez uma revisão sobre aspectos estruturantes do texto narrativo. Abordou-se sobre: enredo, personagens, tempo, espaço, narrador e foco narrativo, discurso direto, indireto e indireto livre. Também sobre narrativa linear e não linear.

Após essa explanação, foi entregue a cada aluno uma folha com as questões que norteariam os estudos do texto. A saber: 1) Comente o enredo do conto, quanto à sua linearidade ou não linearidade. 2) Teça comentários sobre o lugar ocupado pelos personagens principais e secundários e a função que os mesmos assumem na narrativa. 3) Comente a importância do narrador em terceira pessoa, no conto estudado. 4) Comente a importância que o tempo e o espaço assumem nessa narrativa. 5) Teça comentários quanto à utilização dos discursos — direto, indireto, indireto livre — no conto. 6) Uma das técnicas utilizadas por Dalton Trevisan para tornar sua escrita enxuta, concisa, direta e precisa é a elipse. Retire do texto excertos que a exemplifiquem. 7) A ironia também é característica da escrita do autor. Pode-se dizer que o título do conto encerra uma ironia? Comente sua resposta. 8) Outra marca da escrita de Dalton Trevisan é o humor cáustico. Retire do texto um excerto no qual tal humor esteja presente. 9) Este texto traz a idéia da banalização de atos torpes (infames, vergonhosos) com relação aos valores humanos. A seu ver, quais ações praticadas pelos personagens ferem a dignidade humana? 10) Que idéias podem ser inferidas das seguintes passagens do texto: a) “Uma placa diante da saleta minúscula. Duas portas. Olho mágico e câmara no alto.” b) “— Ah, não. Cheque não aceitamos. Só dinheiro.” e “Em recibo não se fala.” c) “— Deixa ver. Tenho aqui setecentos. Teu pai...” “ — Não peça pro pai. Pro pai, não.” e “ — Menos mal que o pai não sabe. Ai de vocês. Se ele descobre, mata os dois.” d) “— Tudo bem, pai. Obrigadinho. Depois falamos.” “Até hoje não falaram, pai nem mãe tiveram coragem de perguntar.” e) “— Curitiba não é a mesma. Quem dorme com tanta zorra? Ainda mais um marido que ronca...” e “— Muito friorenta. Ai, se não é a meia de lã, a minha pantufa branca...”

Devido às questões serem muitas, dividiu-se a sala em grupos de 3 a 4 alunos e pediu-se para que cada grupo respondesse a uma questão, as mesmas foram distribuídas aos grupos, ordenadamente.

Após o tempo delimitado para essa tarefa, os alunos formaram um grande grupo e, uma por uma, as questões foram debatidas pelos grupos e pela professora. Os

alunos anotaram os comentários referentes a cada questão, comentando as inovações de escrita utilizadas pelo autor.

Como a temática principal do conto – o aborto – sempre foi e continua sendo muito polêmica, os alunos pediram que fosse dada à mesma atenção especial. Para a discussão do tema, um grupo de alunos gostaria que fosse utilizada a técnica intitulada Berlinda; outro grupo de alunos gostaria que fosse utilizada a técnica do Júri Simulado. Por votação, ficou determinado o uso do Júri Simulado no desenvolvimento do estudo.

Por determinação dos alunos, o personagem principal do conto iria ser submetido a julgamento, pois, pelas evidências, possuía maioria.

Como o tema já havia sido selecionado, pediu-se aos alunos que pesquisassem textos que o apresentassem por meio de pontos de vista contraditórios, os lessem atentamente e os trouxessem para o próximo encontro.

O quarto encontro de estudos foi utilizado para a organização do Júri. A professora expôs a técnica de julgamento aos alunos: *o juiz apresenta o caso; o promotor e o advogado de defesa inquiram as testemunhas e apresentam seus pontos de vista; o juiz instrui os jurados; o grupo de jurados retira-se e, depois, dá a sua opinião; o juiz dá o veredito*. Expôs, também, as vantagens da utilização do Júri Simulado, a saber: o desenvolvimento do raciocínio, da análise, do julgamento e do espírito crítico; a expressividade crítica do pensamento; a percepção da importância de se ouvir atentamente os dois lados de um determinado assunto para se tirar conclusões pessoais; a desinibição, a segurança e a autoconfiança na expressão do pensamento. Também foram colocadas aos mesmos as precauções que deveriam tomar ao falar, como esperar o momento apropriado para expor os seus pontos de vista.

Os alunos elegeram, então, os componentes do julgamento: o juiz, o promotor, o advogado de defesa, as testemunhas, os jurados e o público. Ficou acertado que para juiz e para jurados seriam convidadas pessoas alheias à sala de aula e uma equipe foi designada para fazer os convites e colocá-las a par do que fosse necessário.

Na seqüência, os alunos foram divididos em grupos para criar os textos que seriam falados pelos componentes do julgamento: um grupo responsabilizou-se pela fala do juiz; outro pela fala (perguntas e argumentos) do advogado de acusação; outro pela fala (perguntas e argumentos) do advogado de defesa; outro pelas

respostas das testemunhas e um outro, ainda, pela fala dos jurados. Alguns grupos trabalharam unidos, visto dependerem uns dos outros para poder criar os textos. Essa tarefa foi acompanhada pela professora, que também opinou.

Marcada a data para a concretização do Júri — a próxima aula de estudos literários —, a professora pediu que todos se preparassem lendo novamente os textos e, aos que participariam com falas, que as revisassem para a exposição. O Júri tomou todo o tempo do quinto encontro e foi um sucesso.

No sexto encontro, as atividades foram organizadas de modo a levar os alunos a perceberem se haviam ou não ampliado seus horizontes de expectativas. Pediu-se aos mesmos que se organizassem em grupos de cinco pessoas e fizessem um levantamento das atividades desenvolvidas até o momento.

Enquanto os alunos organizavam-se, foi entregue a cada grupo um pedaço de papel-bobina e um canetão. Os alunos deveriam escrever suas considerações no papel e anexar o mesmo ao quadro para que suas idéias pudessem ser lidas por todos.

A pedido dos alunos foram criadas algumas questões para organizar as avaliações: 1) Você notou alterações em seu horizonte cultural com o desenvolvimento das atividades? Justifique. 2) Quais atividades chamaram mais sua atenção? Por quê? 3) Você modificaria algumas das atividades trabalhadas? Como as faria? As mesmas foram escritas em papel-bobina e anexadas ao quadro.

Foi delimitado um tempo para que os grupos escrevessem suas considerações. Após, as anexaram ao quadro e cada grupo comentou suas idéias. Solicitou-se aos alunos que anotassem os pontos positivos das atividades desenvolvidas e os pontos que deveriam ser melhorados.

Os alunos perceberam que apesar de termos trabalhado os contos de Dalton, ainda não tínhamos feito um estudo sobre o mesmo. Ficou combinado, então, que eles deveriam fazer uma pesquisa sobre o autor, lê-la com atenção e trazê-la para que a comentássemos no nosso próximo encontro de estudos literários.

O sétimo encontro começou com comentários sobre Dalton Trevisan e sua obra. Alguns alunos trouxeram obras do autor, as quais deixaram expostas em carteiras colocadas em frente ao quadro. Ficaram curiosos com o único romance do mesmo, intitulado *A Polaquinha*. Também os títulos dos livros foram motivo de comentário geral.

A professora organizou, no quadro, dois aspectos da escrita de Dalton a serem observados em termos de caracterização: a temática e os recursos estilísticos e, abaixo dos mesmos, foi colocando as características faladas pelos alunos.

Ao findar essa atividade, o conto “As Marias” foi entregue aos alunos, juntamente com algumas questões que os fizeram perceber, dentre as características citadas anteriormente, determinados recursos estilísticos como a ironia, as repetições, os interditos, os adjetivos gradativos que, nesse conto, mostram uma visão pessimista das relações humanas num mundo degradado. Nele, o tema toma uma dimensão mais complexa e universal, mostrando que o drama da Maria (personagem descrita) reporta-se ao drama de uma coletividade.

As questões trabalhadas nesse conto com os alunos foram: 1) Comente os sentidos das expressões destacadas: “Maria, *filha de Maria*, a *filha de Maria*...” 2) Que idéia encontra-se implícita na metonímia “... tem trinta e um desgostos.”? 3) Em que parte do texto percebe-se o preconceito da patroa em relação à classe social de Maria? 4) Para mostrar uma visão pessimista das relações humanas num mundo degradado, o autor utiliza recursos estilísticos como ironia, adjetivos gradativos, repetições, interditos e espaços em branco a serem preenchidos pelo leitor. Retire do texto elementos que os exemplifiquem. 5) A metáfora com a qual o autor termina o conto: “Em nove meses Maria, filha de Maria, é mãe de Maria.” e o fato de iniciar e terminar o mesmo com o nome Maria traduzem o objetivo do autor ao escrevê-lo. Explique-o.

No oitavo encontro de estudos com base no Método Recepcional, a título de encerrar a unidade temática, mostrou-se aos alunos, no projetor multimídia, a charge do Cambito, intitulada *Evolução*. A mesma mostra uma possibilidade viável de rompimento da corrente de degradação, tão nociva ao ser humano e à sociedade: a Educação.

Foi pedido aos alunos que escrevessem contos baseados na temática “Degradação às avessas”. Os mesmos personagens dos contos estudados deveriam aparecer nas narrativas criadas pelos alunos, vivendo os mesmos inícios de histórias, só que suas vidas deveriam ser transformadas, até o final do conto, pela educação e pelo acesso ao conhecimento. Os contos poderiam ser escritos individualmente ou em duplas.

Para que esse trabalho surtisse um bom resultado, foi proposto aos alunos que pesquisassem e trouxessem para o próximo encontro, quais os elementos sociais

que causam direcionamentos e mudanças positivas nas vidas das pessoas, como: família estruturada, amizades, relações afetivas, trabalho digno, educação, religião, entre outros. Para isso, eles deveriam entrevistar pessoas de seu ambiente social, ouvindo suas histórias de vida e anotando o que lhes era de interesse.

Para orientá-los quanto ao tipo de educação que seria interessante que existisse em nossa sociedade, foi-lhes ofertado para leitura a última parte do texto “Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica”, de Paolo Nosela, que traz uma proposta de escola que privilegia a “instrução intelectual, física e tecnológica para todos [...] pública e gratuita [...] de união do ensino com a produção [...] livre de interferências políticas e ideológicas” (MARX apud MANACORDA, 2006). As idéias do texto foram debatidas com os alunos, em mesa redonda, ainda nessa aula.

No nono encontro, pediu-se aos alunos que expusessem, uns aos outros, os resultados das pesquisas. Os principais elementos sociais causadores de direcionamentos e mudanças nas vidas das pessoas foram colocados no quadro, pelos alunos, para servirem de base para a escrita do conto.

Feito isso, os alunos prepararam-se para iniciar a escrita do rascunho do mesmo. Enquanto escreviam, a professora os auxiliava, esclarecendo dúvidas. Também foi marcada uma data, na semana seguinte, para a entrega dos contos pelos alunos.

Após a leitura dos contos dos alunos pela professora, os mesmos foram devolvidos a eles para eventuais adaptações.

Ficou acertado que os mesmos seriam apresentados na Semana Cultural da Escola, juntamente com a explanação do desenvolvimento da unidade temática pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas atividades com o Método Recepional, para que se atinja o objetivo de levar o aluno a uma postura mais consciente com relação à literatura e à vida, é preciso, por parte do professor: em primeiro lugar, que esteja preparado para selecionar textos referentes à realidade do aluno e que ao mesmo tempo rompam com ela; em segundo lugar, que ajude o aluno a desenvolver a capacidade de refletir sobre a leitura e sua estrutura, numa atitude de pesquisador e leitor que, orientado pelo

professor, irá buscar novos textos que o auxiliarão no processo de leitura e compreensão.

Ao aluno, cabe esforçar-se para que consiga desenvolver a capacidade de reflexão sobre a literatura, aprimorando a leitura numa percepção estética e ideológica mais aguda, e desenvolver uma visão crítico-reflexiva sobre sua atuação social e a de seu grupo.

Dessa forma, o mesmo se tornará um agente de aprendizagem que busca constante crescimento cultural e social, em parceria com seu grupo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lourdes Kaminski. *Os narradores das vidas secas: da construção do texto à constituição do sujeito*. São Paulo: Scortecci, 2007.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Alfredo (org.). "Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo". In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CARRAVETTA, Luiza Maria. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em:

<http://www6.senado.gov.br/con1988/index.htm>. Acesso em 16 de novembro de 2007.

FORTUNA, Tânia Ramos. *Jogo em aula*. Revista do Professor, Porto alegre, 19 (75): 15-19, jul./set. 2003. Disponível em:

<http://revistadoprofessor.com.br/system/biblioteca/materiais/jogaula.pdf>

http://pt.wikipedia.org/wiki/william_shakespeare

JAUSS, H. R. "A estética da recepção: colocações gerais". In: COSTA LIMA, L. (org.). *A literatura e o leitor, textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

LUÍS, Pedro. *Seres Tupi*. DVD Ney Matogrosso e Pedro Luis e a Parede - Vagabundo ao Vivo. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/ney-matogrosso-e-pedro-luis-e-a-parede>. Acesso em 20 de outubro de 2007.

PEQUENO, Marconi. *Ética, direitos humanos e cidadania*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.be/>

QUINO. Tirinha nº. 386, postado por Lugosi, em 17/09/2007. Disponível em: http://clubedamafalda.blogspot.com/200709_01_archive.html . Acesso em: 15 de outubro de 2007.

ROCCO, Maria Teresa Fraga. *Literatura, ensino: uma problemática*. Prefácio de Antônio Cândido. São Paulo: Ática, 1981.

RIOS, Otávio. Charge *Evolução*. Disponível em: www.cambito.com.br. Acesso em 15 de outubro de 2007.

TREVISAN, Dalton. *O vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. *33 Contos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

_____. *Desastres do Amor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. "Estética da Recepção". In: TOMAS, Bonnici e ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005.

